

**REVISITANDO A ESCRITA DE JOÃO DE BARROS:
UMA ANÁLISE DO TEXTO “DIÁLOGO EM LOUVOR
DA NOSSA LINGUAGEM”**

Lucas Perroto Gonçalves (UERJ)
lucasperroto@gmail.com

RESUMO

A caracterização da língua em meados do século XVI é bem confusa quanto à fixação de padrões próprios. Os estudiosos, ao historicizarem a língua, constatam que os vocábulos e as estruturas sintáticas que compõem os textos daquela época guardam vestígios dum português antigo que se manteve no movimento cultural do século. Veremos neste trabalho uma análise do texto *Diálogo em louvor da nossa linguagem* do escritor e gramático quinhentista João de Barros. O breve estudo perpassa questões histórico-culturais acerca da evolução da língua portuguesa e a trajetória do nosso autor no mundo das letras. Destarte, assentamos os ideais de João de Barros na apresentação do conteúdo geral do texto para, depois, apontarmos algumas propriedades linguísticas do fragmento escolhido, que marcam sua escrita.

Palavras-chave: Língua portuguesa. João de Barros. História da Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The characterization of the mid-sixteenth century is quite confusing regarding the setting of own patterns. Scholars, by historicizing the language, find that the words and syntactic structures that make up the texts of this era keep traces of an ancient Portuguese that remained in the cultural movement of the century. We will see in this paper an analysis of the text *Dialogue in praise of our language* by the 16th century writer and grammarian João de Barros. The brief study goes through historical and cultural questions about the evolution of the Portuguese and the trajectory of our author in the world of Letters. Thus, we base Barros' ideals on the presentation of the general content of the text, and then point out some linguistic properties of the chosen fragment that mark his writing.

Keywords: Portuguese language. João de Barros. History of the Portuguese Language.

1. Introdução

Ao longo dos tempos, o homem veio acumulando conhecimentos, acréscimos, sobreposições ao natural, que só tiveram utilidade muito depois. Ao contrário do que ocorre na fala, que o ser humano a adquiriu no surgimento da humanidade e, por meio desta faculdade, fazem história.

Desde a caminhada dos povos arianos para as regiões da Itália e, em seguida, as tomadas românicas, em especial, para nós, a Península

Ibérica, esse sistema simbólico, pelo qual damos a função última de interagir com o outro, é levado de *boca em boca* para os quatro cantos do planeta e, restringindo-se, levado para as diversas regiões de cada canto. A língua é um conjunto estruturado de sinais (compostos por um significado e o significante) cujas funções de interação e de conceptualização do mundo a tornam o bem cultural capaz de modelar o meio de sobrevivência do homem em seu ambiente social. Ou seja, a linguagem modela, condiciona e constrói o relacionamento (AZEREDO, 2018, p. 55).

Na era anterior, a Península Ibérica sediou a relação de povos distintos e suas línguas. Ensina-nos Segismundo Spina (2008) que esse território era habitado pelos iberos; depois houve a invasão dos celtas (povo indo-europeu), formando os celtiberos. Nesse ínterim, a língua dos celtas predominou. Entretanto, paulatinamente, a influência posterior de povos, como fenícios, gregos e cartagineses, a modificou. Em 200 a.C., a península se torna romana, fazendo com que seus habitantes, com alguma exceção, adiram ao latim e se cristianizem.

No século V da nossa era, começaram as invasões; primeiro os germânicos, depois, no século VIII, os árabes; contatos determinantes para a evolução do latim vulgar falado na Galiza e na Lusitânia. Tem-se uma fase intermediária de um conglomerado de falares denominada de *romanço*, para culminar nas línguas neolatinas.

A periodização didática da língua portuguesa nos possibilita fixar períodos. No século IX, nasce, ao norte, o galego-português, cujo uso perdurará até o século XIV, quando a língua portuguesa é cingida e oficializada. Daí em diante, determina-se a época histórica da nossa língua, que vai até o século XVI, quando inicia a fase considerada moderna.

2. *Um breve panorama do cenário quinhentista*

O século XVI reflete muitos fatos do século anterior. Marcado pelo enfraquecimento do mecenatismo (incentivo às letras), finda-se a língua dos trovadores; por volta de 1350; com o movimento político do norte para o sul, o galego-português deu lugar à língua portuguesa, instituindo, assim, a identidade portuguesa.

O centro político-cultural passa a figurar entre Coimbra e Évora. A universidade se estabiliza em Coimbra (1537), depois de suas idas e vindas de Lisboa, passando, assim, “o eixo Lisboa-Coimbra a formar desde então o centro do domínio da língua portuguesa” (TEYSSIER,

2014, p. 41).

A língua portuguesa, na cisão, se tornou nacional, com a qual se aprendia a falar, mas não a língua da universidade: até o século XVI, circulava apenas na oralidade; os estudos gerais de gramática visavam somente à cultura latina. Dessa forma, no português quinhentista, flutuam as tendências fonéticas⁴⁰ latinas na escrita. Ou seja, demonstram-se fatos que apontam para séculos anteriores ou para o século contemporâneo.

Permeia, nessa época, além da cultura latina, a cultura espanhola que perdurou do século XV ao XVII. Os portugueses cultos se serviram de um espanhol característico, como segunda língua de cultura, o que realçou algumas impregnações linguísticas. O mesmo ocorreu tempos depois com o francês.

O desenvolvimento da prosa, nesse período, se deve às traduções do latim, feitas por religiosos e nobres que dominavam as letras.⁴¹ A falta de recursos na língua portuguesa para versar assuntos mais abstratos propiciou a introdução de palavras latinas aportuguesadas no léxico; também muito do que foi perdido na passagem do latim para o português se recompôs no Renascimento (bases etimológicas), o que se caracterizou por uma ortografia alatinada. Quanto à morfologia e à sintaxe, ainda aparece a oscilação de formas arcaizantes populares com a produtividade de morfemas e construções latinas. Veremos mais de perto cada nível da língua em outra seção.

O movimento humanístico do século XV, que trazia o modelo clássico, e a moda de *la lengua española*, competiam com o português na pena dos escritores. Fica a cargo do sentimento nacionalista de alguns dos nossos eruditos louvar a língua portuguesa, distinguindo-a e sistematizando-a, por meio dos primeiros tratados gramaticais do vernáculo, entre eles, os do notável João de Barros.

Não há dúvida, portanto, de que as transformações por que passou a língua portuguesa nessa época estão ligadas à grande revolução social, econômica, artística e literária que se conhece sob a denominação de *Renascimento*. Ao lado da admiração pela Antiguidade clássica greco-latina, que levou os escritores do Renascimento à tradução, à imitação e à assi-

⁴⁰ As tendências fonéticas na escrita marcam o período ortográfico que tenta ao máximo espelhar a pronúncia.

⁴¹ Além dessas produções, deve muito ao surgimento dos novos gêneros literários (a prosa histórica e a prosa narrativa) aos quais não nos alongaremos para não criar seções à parte.

milhação dos Antigos, Portugal abriu as portas do mundo moderno com o descobrimento da Índia pelo périplo africano, colocando assim o homem em contato com novos mundos, novos povos e novas línguas. (SPINA, 2008, p. 282)

3. O prosador João de Barros

Conforme nos confidencia Antônio José Saraiva (1969) em seu capítulo “João de Barros e outros prosadores da primeira fase do século XVI”, João de Barros nasceu, em 1497, de uma família de funcionários que o educou no ambiente do Paço. Sua atuação profissional passeia pelos cargos da administração ultramarina; ainda foi feitor e tesoureiro. Recebeu prêmios, tanto por seu desempenho profissional como também por feitura literárias. Um desses, uma capitania no Brasil, ditou o seu fim, em 1562, quando sua frota naufragou perto de Pombal.

Sua trajetória no mundo das letras começa em 1520 com a publicação da “Crônica do imperador Clarimundo”, a par das novelas de cavalaria. Preocupado com o ensino da língua em *além mar*, o autor publicou cartilhas *para aprender a ler* conjuntamente com a sua primeira gramática em 1540, *Gramática da Língua Portuguesa*. Somam-se ainda a sua bibliografia: *Diálogo da Doutrina Cristã* (1532), como exemplo das de cunho religioso, entre outras de cunho histórico-geográfico, como as *Décadas*, que se ocupam das conquistas na Ásia, África, Europa e Santa Cruz (Brasil). Sua vasta atuação intelectual transita por diversos gêneros que, unidos, corroboram para a racionalização da língua viva (SARAIVA, 1969, p. 260).

4. Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem

Com a expansão marítima, a intenção dos gramáticos era, outrossim, expandir a língua para afirmá-la como imperial. João de Barros buscava fundamentar o prestígio da língua portuguesa (movimento a favor das línguas vulgares) para conferir-lhe o devido valor, dado ao latim e ao grego.

Sua *Gramática da língua portuguesa* (1540) ambicionava fixar um idioma mais coeso, para, no fim, pensado, trazer, em forma de diálogo, o louvor que trata do ensino e da filiação do português. “Modelo amplamente divulgado durante o século XVI”, o gênero diálogo “tornou-se o estilo por excelência da época que primava pelas relações interpes-

soais, uma vez que permitia a exposição de ideias em um colóquio democrático” (VICENTE, 2008, p. 23).

Como o título sugere, o texto se forma por meio duma conversa entre pai e filho⁴². Este indaga ao pai se sabe da nova: “o príncipe nósso senhor começou ontem daprender a ler” com o “pregador delrey Frey Ioam Soáres”. A motivação, explica o garoto, está em o pai ter endereçado ao príncipe uma “composiçám da grãmática da nóssalinguágem”. Em seguida, o pai diz que importância não há em ver seus preceitos com alguém que tem educadores à disposição. A maior retribuição é “sendo táes que póssamaproueitár aos mininos, mandará que se leam em aseschólas.

Além da gramática e do Diálogo da viciosa vergonha (este escrito em parceria com o filho Antônio), João de Barros adverte ser conveniente acrescentar mais dois diálogos que darão conta das “tresidades do hómẽ⁴³”: da viciosa verdade e do sim e não; mas, por motivo de tempo, não foram publicados. Assim, somos introduzidos, a seguir, numa conversa que caminhará por veredas de opiniões bíblicas e mitológicas acerca da primeira língua no mundo, da filiação da língua portuguesa com o latim, dos neologismos presentes no português, para, por fim, retornarmos à questão do ensino, do preparo dos que ensinam a língua.

João de Barros começa assinalando que os filósofos dão diversas visões para a criação do homem “donde dęrammateria aos poetas pera fabulárem quantas composturas e fições uemos como conta Ouídio, que Promotheu formou o hómẽ da tęrra”. Os egípcios constaram, “conta Iustino”, em disputa, que os citas foram a nação mais antiga no mundo. “Vitruuio na sua architeichtura” rascunha a origem do ato de falar pela comunhão dos homens ao redor da fogueira. “Mas nam diz que linguáguemfoy a que primeiro tięeram.” Logo depois, o autor nos proporciona a versão de Heródoto que pretende revelar a língua por meio da experiência do rei egípcio Persamiético que põe dois meninos isolados, alimentados por cabras, sem que nenhum pastor falasse perto deles. Passados dois anos, os meninos disseram “becus”, que significa “pão” na língua frigia.

⁴² Segundo Carolina Pereira Vicente (2008, p. 35) as discussões acerca da língua que permeiam o diálogo são encenadas pelas personagens pai e filho, as quais seriam o próprio João de Barros (pai) e seu filho Antônio. (O nome deste aparece uma vez no texto para marcar o discurso direto.)

⁴³ Estão presentes no texto apenas os caracteres especiais que representam um traço distintivo, como acontece com o diacrítico em ç para representar uma vogal anterior média baixa.

– Quál será logo o uerdádeiro caminho que deuseguir?, indaga Antônio.

– Eu teçyreceitey o que os escritores antigos sentíram, agóradirey o que nosmóstra o espirito, [...] leuando por guia as autoridades da sagráda escritura.

Em referência ao livro de Gênesis, João de Barrosexplica a situação: se os setenta e dois povos que estavam na edificação da Torre de Babel eram filhos de Adão, e esse, acreditam “algũs autores católicos”, falava a língua hebréia, assim herdaram a mesma linguagem: “mas foy desta maneira, herdáram as uózes, e o seu pecádo lhe trocou os sinificádos”. Ou seja, nesse momento não foram inventadas setenta e duas línguas, mas, na mesma se confundiu o entendimento.

A língua de Adão se espalhou, e, com isso, as vozes se corromperam, como considera o gramático. Entre as “princesas do mundo” (se refere ao hebraico, ao grego e ao latim), a linguagem latina “foya derradeira que teue a monarchia, cuios filhos nós somos”. Das neolatinas, o francês, o italiano e o espanhol se acomodam aos vocábulos e à ortografia latina. E, questionado pelo filho sobre a vantagem castelhana à portuguesa, sai em louvor da nossa linguagem.

Para provar a conformidade com a língua latina, João de Barros traz uns “uørsos feitos em louuor da nõssa pátria” cuja linguagem, para o autor, ora se assemelha à portuguesa, ora à latina. Ainda nos atenta para a estrita relação entre a música e a língua: “na musica, que naturalmentea-çerca de cada naçám, seçue o módo de fãla: linguágemgráue, musica-gráue e sentida”; o português mostra a sua gravidade e sua força para narrar grandes feitos, ou para qualquer gênero no qual sua escrita possa se concretizar.

– “Certo, aquẽm nam faleçer matẽria e engenho pera demonstrár sua tençám, em nossa linguagem nam lhe faleceram uocábulos”.

O campo da produtiva formação de palavras, nos insere o autor, é o recurso que os filósofos, médicos, matemáticos, teólogos se munem para o entendimento, quando lhes faltam termos, cuja anexação se respalda na raiz latina. Chama-nos a atenção para as “treladações”, isto é, as traduções do latim feitas na Espanha, na Itália e na França; usadas em português, o vernáculo se enriquece e se apropria de novas palavras “que a natureza da nossa linguagem açeite”, conforme já se apropriou nas conquistas da África e da Ásia.

Por fim, a preocupação com a educação o faz retornar à abordagem metodológica empregada no ensino de língua. Sua crítica se inicia

ao constatar que os escritores que são considerados “fontes da eloquência” são doutrinados primeiro na língua materna para depois entenderem a alheia. Esse orgulho nacional tornava a linguagem o bem maior de imposição aos povos dominados: “tanto acerca das cousas da honrrasam de mayór glória as que a memória mais retê”. Por último, perpassa o problema que está no mau preparo dos docentes que ensinam a ler e escrever. Consequentemente, serão formadas gerações ineptas, com baixa competência linguística.

4.1. Análise da forma: propriedades linguísticas

Com a evolução sociocultural da época, verifica-se no vocabulário um amontoado de palavras tidas por arcaicas que passam a ser elencadas a partir das primeiras gramáticas do século XVI. Com isso, há um conflito de tradições: situam no mesmo plano as correntes expressões da linguagem medieval, caracterizadas pelos traços arcaico e popular, e o considerável movimento de incorporação dos latinismos na língua. Seria sem sucesso a tentativa de distinguir o que é arcaico e desusado e/ou o que é antigo, mas popular. Entretanto, nos é possível, com o auxílio dos estudos de Segismundo Spina (2008), Paul Teyssier (2014) e outros, fixar alguns fatos linguísticos que percorrem os períodos de modo geral até a escrita de João de Barros nesse fragmento escolhido de seu *Diálogo*.

Graficamente, à primeira vista, vemos a confusão de grafias que se prolonga ao presente texto. Até o século XVI, não havia distinção dos valores fônicos entre *i* e *j* e *u* e *v* (SPINA, 2008, p. 51). Por isso, encontramos ainda as formas “uerdaderiamente”, “uista”, “gráue”, “Iuizos”, “uariaçam”, “tráios”, “uiçeram”, “cuios”, “pouo”, “uërbo”, “Içua”, “uocábulos”, “tiuërmos”, “sobeio”, “Içuemente”, “tiuçrã”, “Liuio” e “uemos”. Achamos, além disso, casos de consoantes geminadas em “Tullio”, “nçlla” e “della”, que para alguns estudiosos evidencia uma possível distinção prosódica perdida com o tempo; e as alternâncias entre *qu-* e *c*, entre *eei*, *a e e*, *u e i*, *o e e* e *y e i*. Ainda, acontecia na notação dos textos, por questões de acentuação da fala, de palavras monossilábicas serem incorporadas por mais letras ou de se juntarem a outras palavras, que é o caso do pronome *o* em “ôtráz”, da preposição *a* em “aeste” e dos artigos *o* e *a* em “todolos” e “agrega”.

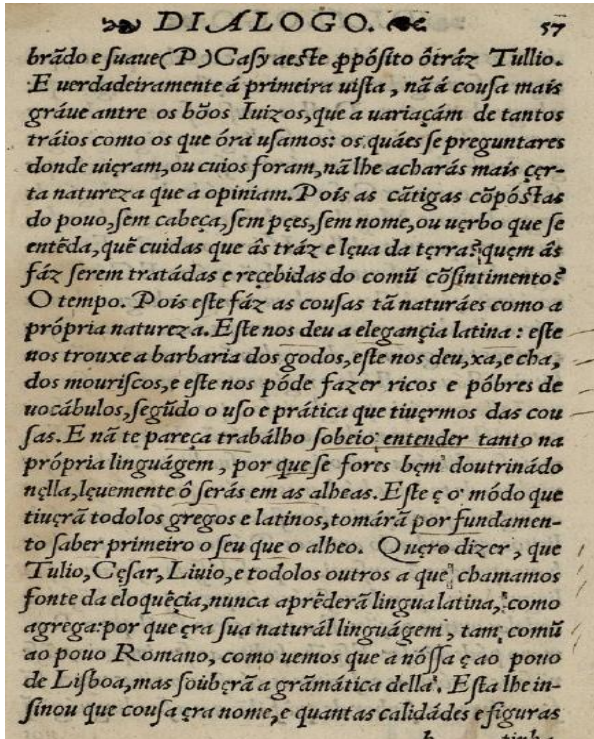


Fig. 1: Trecho do Diálogo.
Fonte: Barros (1540, p. 57).

Ocorre, conforme nos informa Paul Teyssier (2014, p. 35), a partir do século X a síncope das consoantes -n-, -l- e -d- intervocálicas, o que acumula na escrita variedades de hiatos. Neste trecho, temos, a exemplo disso, as palavras “alheas/alheo”, “bões” e “pees”, respectivamente, do latim *alienus*⁴⁴, *bonus* e *pedis* (CUNHA, 2010, p. 26, 96, 483). A flexão de número de *qualenatural*, “quães” e “naturães”, mostra a tendência do século XVI de definição do plural das formas latinas em *-ales* (SPINA, 2008, p. 70). Nos hiatos constituídos por vogais iguais, há uma crase; já nos constituídos por vogais diferentes, há, geralmente, a ditongação por

⁴⁴ A palatização gerada pela presença do *yod* é considerada por Paul Teyssier (2014, p. 11) como uma inovação importante da fonética do latim imperial: [ly] > [lh].

epêntese ou oclusão.

Interessante notarmos as terminações *am* e *ã* contidas nos substantivos “uariaçám” e “opiniám”, nos verbos “uięram”, “tiuęrã”, “tomárã”, “apręderã” e “souberã” e nos advérbios “tã/tam” e “nã”. Há um consenso entre os autores quanto à convergência de formas provindas do latim com a terminação em *-on* e *-an* para *-ão*. A grafia, por João de Barros proposta, assina esta passagem de *-onis* dos substantivos, de *-arunt/-erunt* dos verbos do perfeito do indicativo, da forma apocopada de *tantum* do advérbio de intensidade e de *non* do advérbio de negação, os quais “no português moderno se converteram em *-ão*, escrito *-am* quando desinência átona de verbo” (SILVEIRA, 1964, p. 101)⁴⁵.

Durante os entremeios do século XV e início do XVI, tivemos uma produtiva formação de palavras em *-mento* e *-ança/-ença*. No entanto, algumas sobreviveram, outras se modificaram pela influência da escrita etimologizante. No trecho selecionado do *Diálogo*, podemos destacar os substantivos “côsintimento”, “fundamento”, “elegância” e “eloquęcia”. Estes dois últimos mostram a tendência de aproximação da forma latina em *-antia/-entia*. Também, o uso dos advérbios “uerdadeiramente” e “lęuemente” evidenciam que o sistema morfológico já trata de maneira regular a soldagem de *-mente* ao adjetivo flexionado no feminino. Tal terminação, em sua origem, provém da classe dos substantivos, contudo, pelas ocorrências de justaposição, se transformou em sufixo formador de advérbios.

O emprego de alguns pronomes, na época, seguia um processo frequente de invariabilidade, sobretudo, no uso do pessoal *lhe*, que foi ter sua forma plural muito depois (SPINA, 2008, p. 188). Nos passos “(...) nã lhe acharás mais çerta natureza que a opiniám” e “Esta lhe insinou que cousa çra nome (...)”, o *lhe* retoma, respectivamente, “traios” (trajes, o mesmo que trajes) e “Tulio, Çesar, Liuio, e todolos outros a que chamamos fonte da eloquęcia”. Neste último, é interessante assinalarmos também o emprego do relativo *que* por *quem*: “a quem chamamos”.

Dois fenômenos sintáticos que sucedem com certa regularidade entre os escritores quinhentistas são o emprego do pronome *cuj*o com função predicativa e o agente da passiva regido por preposição *de* (SPI-

⁴⁵ O recurso do til assinala que, nesses casos de dígrafo vocálico, a queda da consoante nasal deixou a vogal anterior nasalizada.

NA, 2008, p. 201, 205). Vemos estes usos no texto em “cuios foram” e em “cãtigas cõpostas do pouo”. No primeiro, “cuios” assume a função de predicativo do verbo “foram”, equivalendo a *quem*. Já no segundo, “do pouo” é o agente que compôs as cantigas; preferencialmente, hoje, introduzido pela preposição *por* nas estruturas passivas.

É comum toparmos com orações adjetivas, e adjuntos adnominais antecedendo seu núcleo substantivo, deixando transparecer “sua natural linguagem”. Sua gama de comparações propõe aproximações que melhor encaminham o entendimento do interlocutor e revelam seu olhar literário. Em nosso fragmento, a variação linguística está metaforizada pela quantidade de trajes que usamos. O tempo se personifica, ao dizer que “(...) este nos deu a elegância latina: este nos trouxe a barbaria dos godos, este nos deu, xa, e cha, dos mouriscos, e este nos pôde fazer ricos e póbres de vocábulos (...)”. A trama sintática, embora, a maior parte das vezes, traga períodos mais enxutos, carrega o leitor, ao gosto latino, com estruturas hipotáticas, inversões, e pontuações um tanto arbitrarias.

A linguagem segue o percurso evolutivo, e as sistematizações alcançadas pelas primeiras gramáticas da língua portuguesa já fornecem uma melhor fluidez para a leitura.

5. *Considerações finais*

Um gramático, escrevendo, é bastante racional e nacional. A língua portuguesa, a partir da cisão com o galego, se torna a língua oficial de identidade do povo português, mas não a língua da universidade, contemplada nas escolas pelos estudos gramaticais do *trivium*. A expansão marítima levou em sua boca a oralidade do povo cuja grandeza precisava ser reafirmada.

João de Barros, com as suas obras, buscou instituir o devido valor da língua neolatina; sistematizou-a, versou a respeito de sua filiação e criticou o preparo daqueles que a ensinam. O diálogo, obra literária em forma de conversação, é o gênero que se insere na produção do autor como um recurso que propicia levar seus ideais para o outro numa relação mais próxima e democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos. *A linguística, o texto e o ensino de língua*. São

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Paulo: Parábola, 2018.

BARROS, João de. *Diálogo em louvor da nossa linguagem*. Olyssipone: apud Lodouicum Rorigiu[m], Typographum, 1540. Disponível em: <http://purl.pt/12148/6/res-5658-1-p_PDF/res-5658-1-p_PDF_24-C-R0150/res-5658-1-p_0000_capa-60v_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em 21-09-2019.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

SARAIVA, Antônio José. *História da literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Publicações, 1969.

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1964.

SPINA, Segismundo. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Ateliê, 2008.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

VICENTE, Carolina Pereira. *Dois diálogos no renascimento português: João de Barros e Gândavo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.